

GUILLERMO CARNERO

SEPULCROS E JARDINS



2002

3

ELS PLECS DEL MAGNÀNIM

Colecção dirigida por Ricardo Bellveser

45

Tradução do castelhano:
Luís Filipe Sarmento

© Guillermo Carnero, 2002

© Da presente edição:

Institució Alfons el Magnànim

Diputació de València, 2002

Quevedo, 10

46001 València

alfons.magnanim@diputacion.m400.gva.es

www.alfonselmagnanim.com

Desenho de Guillermo Carnero para a capa
e letra capitular de Juan Ramos

Depósito Legal: V-2700-2002

Impresso em Lluís Palacios, Sueca

Ávila

Em Ávila a pedra tem pequenos corações de nácar cinzelados e pássaros de olhos vazios, como se tivesse sido o ferro martelado por Fancelli buril de pluma, e pelas suas feridas não corre nem nunca correu o sangue, o mesmo que dos pescoços quebrados só brota o próprio mármore que se entrelaça à beira dos dedos num contido desdobramento de pétalas e ramos, em delgados crânios quase transparentes na penumbra das abóbadas que conservam a ligeira sombra azul dos olhos hirtos nas raízes da chuva, da morbidez, das redondas faces das crianças nascidas no mármore para a morte, nos seios vagamente estéreis das Parcas diluídas em rígidos ramos de volutas e frutos, no doloroso pulsar das irisadas túbias sobre as almofadinhas de mármore, onduladas para dar um cálido descanso e amortecer a delgadeza gelada dessa mão de âmbar que acaricia com o pausado ritmo da chuva a cabeça de um cão também morto na pedra, morto na pedra ao lado de uns dedos e de um corpo demasiado belo para ter vivido, morto na pedra enquanto se ouve cair na tumba toda uma imensa vegetação de asas.

Depois, pela cidade, tem a noite
um distante horizonte de olivais e talvez uma ermida
entre as chamas cor de cardo que sobem até às
figurinhas de bronze das fontes,
aos fragmentos de ameias lambendo entre a noite
o torturado braço das noras,
aos fragmentos de ameias ardendo como uma opaca
corrente, entre o gelado crepitar das fontes,
entre o resvaladiço gotejar, no ar
da estepe, do surdo som dos séculos.

Apesar da noite, é impossível
reconstruir a sua morte.
Ir entalhando antigos incensos e sudários,
medalhões, e vem até mim o patear
de um cavalo nos lisos espelhos da noite,
é impossível, ninguém saberá, nem essas raízes
nem essas pequenas bagas de humidade e de salitre
nem esse ténue azeviche como o salto de um pássaro
que em contra luz desliza, nos entardeceres,
na profundidade da carne dos anjos mortos no
mármore.

Há um bar aberto onde se ouve um disco.
É tão vasto o teu reino que se não pode ocupar,
mas eu sei que nada há de ti entre os teus livros,
nas tuas palavras, nada se pode saber, nada
podes mostrar.
Também tu recebeste a obscura herança de um imen-
so domínio inacessível
que não tem nem princípio nem fim nem esperança
no tempo.
Mas hoje algo renasce nas pequenas flores de óxido
das órbitas vazias,

Levanta-se por entre os amontoamentos de escórias
ecos e presenças de pássaros,
transcorre com um ligeiro bater de asas pelos
estreitos caminhos do sangue, desperta
amortecidas vozes ao fundo dos corpos, inicia
as afogadas pulsações dos frios corações de ferro.
Por isso, entre o imenso pulsar da noite
elevado entre um rumor de vides húmidas, é triste
não ter nem sequer um punhado de palavras, uma
débil
e cálida recordação para aqui, nesta noite,
imaginar que um dia possamos
inventar que, finalmente, chegámos a viver.

Amanhecer em Burgos

No silêncio dos claustros repousa
a luz acorrentada pela epifania do tempo.
Floresce o altíssimo sepulcro
em brancas gotas de escarcha. Um espaço
de outro oculto passa, apenas por lajes
que obscuramente ressoam, incubando
a crescente angústia da proclamação da morte.
Fidelidade não ensaiada à hora de viver,
permanece cada coração sob o delicado sudário
que nada oprime. Sobre as pedras abre-se
uma fonte de musgo. Porque talvez
temêssemos viver, na sombra germina
a floração da carne morta. Andrajos e ouro
o esplendor revelam dos corpos antigos.
Entre imagens de longínqua beleza, piedosamente
esconde-se
a carne morta. E assim é tão belo
passar fugazmente por entre a eternidade da vida,
engrenada
pela geométrica perfeição dos brancos sepulcros,
como quem nada escuta, uma vez que nem seremos
chamados aos perturbantes festejos da morte
nem o amor e o desejo corruptos e o impalpável pó
dos beijos
alteram, na cálida madrugada que turva o ar,
o harmonioso voo da pedra, elevado
em muda catarata de dor.

Les charmes de la vie

Watteau

Que as aves não turvem o crepúsculo.
Vai começar a valsa. Que tudo fique
nas trevas. Que as sedas escondam
as janelas abertas e que alguém desate
os pesados veludos. Nada deve
ameaçar o fluxo da música:
nenhuma aresta ou mármore ou pássaro adormecido.
Que nada permaneça. Apenas o ar
ilumine as fontes ocultas da noite,
que propague nas salas um deslizar de remos
nos tanques, que prenda o roçar das folhas
que o vento desordena entre as alamedas,
que apague o fulgor sobre as grandes janelas,
que as cortinas ponham o seu cálido esvoaçar
sobre cada vidro para que os espelhos
não mostrem de onde brotam os repuxos,
para que não deslizem para as balaustradas
as serpentes da água, para que na penumbra
as cores do mármore e dos veludos
soltem um subtil borbulhar de luzes
e, assim, por um redondo labirinto de caudais
a música, pouco a pouco, brotando da obscura
transparência do ar, irrompe de cada
vidro amortalhado, de cada moldura,
que se liberte sobre o musgo as vozes da noite
para que no silêncio percorrendo as correntes
geladas, nem os dedos nem a curva do dorso
da estátua divirjam da imóvel presença
dos vasos que oprimem nas encruzilhadas
um punhado de ineptas raízes submersas.

Anacreonte soube renunciar a quase todos os mitos
do seu tempo:

pátria, fama, triunfo, dignidade de soldado,
respeito aos mortos e amizade com os deuses.

Como não ficar sereno se tudo está perdido?

As montanhas azuis, ao longe, vão sendo lambidas
pela sombra.

Desenha os contornos das torres distantes
a palidez gelada de um vento submarino,
iluminando o brilho dos olhos, nítidos e próximos
mas impossíveis, como o rasto de sombria verdura
que sugere

o oculto caudal de um rio subterrâneo.

Que ressoe o alaúde, porque as vozes
quebrariam o ar da tarde.

Que os dedos desatem, entre encaixes,
o unânime pranto das coisas,

mas que ninguém tente outra vez pulsar as raízes da
vida.

Com o pôr do Sol vão lançar os seus últimos
brilhos sobre as folhas amarelas,

as irisações da música,

e os deuses silvestres convocam o silêncio na floresta.

Que ninguém tente descobrir os sons
originais.

A noite desce

sobre as pias das fontes mudas, como as folhas mortas,
e oprime com mão quente os atributos da música:

latão polido das cornamusas,

ressonâncias que encerram a sua corola ao lado dos
bucrânios

ornamentados por cachos e fitas.

Agora deslizam pelas escadarias

a múltipla auréola das luzes

(e por que não subir, se tudo está perdido?)

e se consome a valsa entre os risos
enquanto as lantejoulas das máscaras
reflectem um brilhante remoinho de sedas,
como um enorme espelho alucinado.

Watteau en Nogent-sur-Marne

No brilhante centro da sala ouve-se
os risos e o relógio. Em quatro círculos
rodam as Estações e as Graças recatam
a sua nudez no ornato.
Ágatas e noqueira entrelaçam-se
aos pés do relógio, a caixa oprime
as ressonantes cordas, as finíssimas molas e o conti-
do caudal da música.
Brônzeos bancos lavrados e Floras cobertas de musgo.
O círculo das laranjeiras, contido com violência e
arte,
concede à distância um húmido refúgio. Como pode
o ar frio da noite conservar a sua pureza original,
do ir e vir de candelabros e librés separado tão só
por vidraças transparentes.
Ficção ou engano. Mas os aprendidos passos de
dança, são acaso
razão para uma vida? Mezzetin, Cythera,
o espectáculo, o vosso universo em mim surgido
onde não sou estranho.

Olhai: há mais vida
na mão enluvada que sobrecarrega de rendas a sua
máscara,
ou sob os losangos do arlequim que toca as cordas
de harpa,
do que em vós, passeantes dos Campos Elísios.
Porque o homem deseja conhecer o que ama,
decifrar o sangue que vibra entre os seus dedos,
percorrer
intimamente os caminhos intuídos da cancela.

Nada do que é vosso me é oculto, personagens de
fábula, porque sou eu próprio convosco,
e, no entanto, estou tão só como quando, ao entrar
no salão,
agarre uma mão desconhecida sob a seda, na próxi-
ma dança.

Capricho em Aranjuez

Cetim amarelo a troco da minha vida.
Os bordados dosséis, a alva
palidez das sedas. Amarelos
e azuis e rosados veludos e tules,
e ocultos por tecidos bordados,
prata, jade e subtil marchetaria.
Fora breve viver. Fora uma sombra
ou uma fugaz constelação alada.
Geométricos jardins. Esvoaça
o profundo ressumar das magnólias.
Que se esfume a varanda, que me oculte
a abóbada de sombria trepadeira.
Fora belo morrer. Inflorescências
de mármore na grade acorrentada:
perpétua floração nas colunas
e um menino cego brinca com a morte.
Fresquíssimo silêncio borbulha
das corolas da balaustrada.
Céu cinzento de prata. Frio granito
e um oculto aqueduto iluminado.
Afastem os polidos candelabros
entre quentes pétalas e plumas.
Tripeças de caoba, perfumadores
ou fino cristal. Doze relógios
tilintam as horas em unísono.
Jogo de pedra e água. Desenlacem
os seus véus os faunos. Na caixa
de pereira fragrante saltam
pungentes e argentinas pinceladas.
Músicas à tarde. Ornato,

policromo cristal. Deixai, deixai-me
na luz desta cúpula que regam
as transparentes brasas da tarde.
Plena solidão, cetim amarelo
a troco da minha vida.

Jardim Inglês

Disposição convencional
e matéria vigente, acreditada
prosódia: ilustrações
que é sábio intercalar tanto na própria vida
como no discurso do poema. Dar-lhes
um ingrediente de ternura.

E a tristeza

(a sensação de culpa)
de falar uma arte velha, com escassa vocação
para o triunfo; dar-lhes,
como nos dioramas das feiras,
um toque de inquietação: precioso licor
da dúvida, paixão para os fortes,
não este jardim estéril
e esta fria estação, como o seu céu fixo.

Na esterilidade
a erosão concilia as suas figuras
com a vicissitude da memória.
As estátuas sugerem
uma alma a este jardim, não o seu próprio passado
mas sim a vaga realidade que me compraz agora
inventar em sua honra, e a emoção poética,
mais do que sábia precisão, da fé
de uma certa ignorância conveniente
à maneira de verdade.

E terra morta

mais do que despida aqui. Nem os caminhos
menos que terra.

E o passar dos anos

os ouros da sua pátine
como uma injúria inútil sobre o que já caiu.
As árvores sem seiva e os corpos sem luz
dão nas alamedas já apagadas
ao vento o seu rigor e a imortalidade
é património firme do que está morto.
Assim foi o teu corpo. E recordá-lo agora
é um mundo sem eco, uma cidade vazia
onde só a sua carne
fosse realidade, como esta terra ausente,
e sendo ainda na distância, como um mar oculto,
uma grande ameaça.

E a sua lembrança vive.

Nos rostos quebrados
no seu melhor perfil, como o cinzel
que levemente ulcera
a morbidez inerme das vácuas pupilas
variando a sua ferida como uma corda única,
o espelho do limo,
a voz do gelo, a incisão do ar,
reclamam os nus,
elevado contra o mar e o céu mate
o frio alfange da sua geometria,
um castigo perene sobre a sua carne rígida
para melhor sentir: enganar a morte,
aprazá-la; procurar
o mal, e sofrê-lo. Isso foi, então, o amor.
No ar sem luz
desejam as estátuas o pulso tremente
de lábios que não beijam e de braços que não oprimem
braços que não sentem, e olhares
sem pupila: querença
mais que o tempo tenaz, o seu desenho
não levantado de formas enegrecidas
de desejo, ao amparo e contra o sopro

da caducidade, desenho de morte,
e em seu rigor, mais que na própria vida,
há um sinal de glória.

Na esterilidade rutila aquilo
que não foi: a humilhação, o ódio
que não foram.

Varandas

onde ouvir o vento, decifrar
a ausência da cor e da forma,
a de um corpo sem fim, porque sem fim o ódio
procura saciar-se, e eleva
a cabeça uma
e outra vez, e é tão forte
quanto recente o tempo
da sua aniquilação; rutila o medo
a sentir-se viver, e o humilhante curso
das horas.

E plena

a escuridão, quando os corpos exalam
intensamente, a gargalhada plácida
das coisas amigas.
Na esterilidade rutila o ódio,
a indefesa, o medo, que não foram,
como a própria vida, uma falta de gosto,
e a sua melhor história.

Em primeiro plano o cortinado
de verdura e continuando a elisão
das poucas cores, uma fuga ilusória,
gradação dos tons, aparência
de perspectiva e de profundidade
como na dupla série de planos sucessivos
os cenários de teatro.
E a um lado do tecido uma fachada simples,

de simétrico esquema: delicada harmonia
da fábrica e da natureza,
e na penumbra de um bosque
alguns corpos nus.

Assim a recordação exerce
a sua ignóbil potestade: não rememora, ilude,
e confere o carisma da sua tristeza vaga
aos dias perdidos, que ganham na ausência
uma serena distância.

Numa atmosfera de paz
alguns corpos nus; para dar-lhes relevo
um ligeiro vestido que não esconda as suas formas
nem ofenda o seu calor: uma mancha granate.
E a memória desdobra a sua grande artilharia
com as cinco cores da sua figuração
relumbrando ao compasso: belo Livro de Horas
folheado ao acaso, sempre a mesma página,
pedrinhas de safira, águas marinhas
num campo de ouro, varandas
sobre um fundo de azul, vergel sem muros,
torres sem guarnecer, Cidade Celeste.
Porque em cada milímetro
de pele uma memória
maquilha a sua ficção e nela vive,
repinta o seu cadáver, acumula a inércia
dos fantasmas quotidianos,
converte as recordações
em gravuras piedosas, adequadas
para fazer nascer
a ficção poética. (E não, talvez, a inversa?)
E os olhos, as mãos,
cada palmo de pele ribomba no ar
reclamando o teu corpo; nada sabem
da humilhação, mas sim de ausência, agora.
E o seu clamor parece

a mais firme razão. A razão da pele
e dos lábios, certa
contra vontade:

Terra de Ninguém.

Primeiros dias de Março na paleta
de *Palma El Viejo*... Âmbar
os campos de trabalho ou verde pálido
inundado de luz. Branca a carne,
subtis as formas,
irreal a cor como uma alegoria
(ou talvez um retrato,
antes que o corpo esqueça).

E na ficção do ar
e no seu nítido traço há um sinal de glória.

Convento de São Tomé

Depois de tantos anos a tua figura
não perdeu um traço de beleza
nem o sereno pousar da tua cabeça
ou a fragilidade da tua armadura,

nem o teu rosto desmente a tua pureza
nem a tua serena testa a sua nobreza
nem os teus olhos a paz e firmeza
forjada na fé sem lastro de certeza.

Eras muito jovem quando o teu caminho
ensombrou um silêncio da sorte
e cinzelou a tua imagem surpreendida;

por igualdade contrária ao destino
tu morreste de um golpe da tua morte
e eu morri lentamente da minha vida.

Fantasia de um amanhecer de inverno

A point in space is an argument place.
Wittgenstein, *Tractatus*, 2.0131

O tempo habita na cor
e a memória intui limites
no discernimento da linha,

e os tons do ar configuram
uma definição da distância,
medem com a sua cadência e o seu retorno
os das estações do discurso.

Assim no horizonte refracta-se
um cortejo de imagens vencidas
que do outro lado do cristal
encarnam um espírito de neve

ou na esfumada luz, gélida e limpa,
emergem de debaixo do tapete
para com o seu murmúrio decidir
a vertical profanação do ar.

Esféricos sons vegetais
retumbam em altíssimas cavernas
que ameaçam pináculos sonoros
de cristalinos ângulos diedros

enquanto o ar plácido propende
à cubicação da manhã,

dragão processional que rebenta mudo
na astenia iluminada que a bruma

divide em ouro e cinzento, puro tridente
com a sua miragem de fugaz volume.

Brilhante emerge a paisagem côncava,
redondeza surpreendida por um ponto de fogo
depois de pisar pirâmides de sombra
com transparência grave de borbulha,

lógica imparável da luz
em que a submissão das cores hirtas
inscreverá com rios e montanhas
o redondo milagre da linha.

Sobre o cascalho chove surdamente
a memória e ao fundo do jardim
salva a aresta azul do horizonte
um cortejo de imagens vencidas,

figurinhas de trémulo girar
ao dar as horas um relógio de cuco:
a Dama e o Pastor
pantomina a Dança da Morte.

Dois corpos diluídos que a distância doura,
mentira e fausto da alegoria
que só na distância escande e rege
o fausto e a mentira do discurso.

Assim salvo-me da solidão:
giram as estações e sem risco
o milagre impassível da palavra justa
brilha deste lado do cristal

em sílabas contadas, que é uma grande mestria.

Catedral de Ávila

Como no umbral da capela escura
uma fenda detém o olhar
e o dispersa depois, ao confinar
nas fraudes que finge a negrura

confundindo volume e figura
da estátua jacente ali olvidada,
quando a minha mão se detenha gelada
uma prateleira será a minha sepultura.

Será fina laje a que suporta
a lápide e o epitáfio mais piedoso,
e menor a esperança de outra vida,

e no silêncio a palavra morta
gozará do esquecimento e do repouso,
em figura e volume confundida.

Razão de amor
(*Sepulcro na Lombardia*)

*...a dolencia
de amor, que não se cura
sino con la presencia y la figura.*

S. Juan de la Cruz

Voa pelo silêncio a ternura
ao regaço do ouro fatigado
que abriga um corpo em mármore desmaiado,
ausente no disfarce da sua brancura,

e a minha mão perde-se pura
no puro peito agudo, crasso e abaulado;
desejo embelezado e abreviado
sem a presença, mas com a figura:

o presente em imagens de memória
antecipa a sua paz e a sua nobreza,
e o término é o ponto de partida

em que se omite a mesclada glória
de vacuidade, de encanto e de vileza
que por imprecisão chamamos vida.

Leicester Square

*Aquestos son los farautes
que yo envío al corazón.*

Rodrigo Cota, *Diálogo entre
el amor y un viejo.*

Na tensão do nó da tua blusa
duplicam o seu latido os teus tacões
sem alterar a bola do gelado
que devoras feliz, piscando um olho.

Trouxeste-me a este parque onde o amor se descobre
vibrando o riso dos jovens
e aureola os ramos dos freixos
com uma rede brilhante de alegria.

Ilumina de cor vermelha as condutas
e de amarelo o canto dos pássaros,
é flexibilidade no pecíolo,
ondula na constância das fontes.

Estendes-me na relva onde o mundo se esfuma
resumido no copo de uma nuvem,
ausência vertical em que o azul se acolhe
no teu calor adormecido ao meu lado.

Jogo em crer em ti fora do tempo,
e na sua tibieza horizontal ascende
a tarde com aprumo de borbulha,
flutua para tremer e diluir-se

quando chegue a noite com o seu sorriso injurioso
—meu igual, minha companheira— e me estenda um
espelho
enquanto uma canção me fere com um aviso:
You'll never find warmer soul to know.

Tiraste-me a paz dos jardins

Tiraste-me a paz dos jardins,
a gama dos verdes, do negro
húmido no arrulho da gruta
ao Abril esmeralda e amarelo,

a detenção da água e da luz
no tempo redondo das fontes,
cálice de certeza sem fissura
como cofre no brilho da sua laca;

a inacção do espelho enfeixando
o vermelho das luzes caídas
da tarde: tiveste muito rigor
para cortar laçada tão estreita,

fechar os reluzentes repuxos,
apagar o rumor dos arroios
que iluminavam a sombra e o silêncio
ao repetir o teu nome derramado;

esquecer os demorados pequenos-almoços
—brioche e plumcake em lencinhos
com renda riçada sobre prata
e doce rutilantes marmeladas—,

as noites de Verão que costumavam
dar um rumo ao apertado deleite
deixando-se levar pela corrente
da carícia de uma toalha de linho.

Tiraste-me o refúgio dos mapas,
a fuga dos números e dos nomes;
hoje a velocidade só me traz
um borrão de faíscas incolores,

as cinzas do luxo e da distância,
os excrementos dessa luz que não consegue
amanhecer em céus tão redondos.

Assim me desbaratas-te a memória,
e os pedaços sujos e as pétalas
que foram uma vez uma grinalda
apodrecem no caminho para a noite
em que chove sem perdão o tempo.

A edição do número 45 de
ELS PLECS DEL MAGNÀNIM,
Sepulcros e jardins
de Guillermo Carnero,
foi impresso em papel Torreón,
quer o seu miolo quer a sobrecapa,
em tipo Didot para o texto.
Acabou de se imprimir
no dia 30 de Junho de 2002,
em Sueca,
nas oficinas da tipografia
de Lluís Palacios

